

**GARIMPANDO MEMÓRIAS:
ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E DANÇA**

Organizadoras:

Silvana Vilodre Goellner
Angelita Alice Jaeger

Porto Alegre
Outubro - 2006

FICHA CATALOGRÁFICA

© dos autores

1ª edição: 2007

Direitos reservados desta edição:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Flavio Gonçalves

Revisão: Fernanda Kautzmann

Editoração eletrônica: Vanessa da Silva/ Gênese Artes Gráficas

G232 Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança /
organizado por Silvana Vilodre Goellner e Angelita Alice Jaeger.

– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

(Série Esporte, Lazer e Saúde)

Inclui referências.

Inclui quadros.

1. Educação física. 2. Memória e sociedade. 3. Lazer. 4. Esportes.
5. Dança. 6. Práticas corporais. 7. Práticas esportivas. 8. Mulheres –
Corpos – História. I. Goellner, Silvana Vilodre. II. Jaeger, Angelita
Alice. III. Série.

CDU 796

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.

(Ana Lucia Wagner – Bibliotecária responsável CRB10/1396)

ISBN 978-85-7025-931-8

MULHERES PRATICANTES DE *SKATE* E DE RUGBY NO BRASIL:
HISTÓRIAS A SEREM NARRADAS

Márcia Luiza Machado Figueira¹
Thais Rodrigues de Almeida²

Analisar o esporte como uma prática cultural que também é produzida e praticada por mulheres tem se mostrado como um exercício bastante desafiador. Essa afirmação pode parecer estranha para quem vive em uma sociedade que, a todo o momento, identifica no esporte um elemento que possibilita o acesso a determinados padrões de corpo, de beleza e de saúde. Ou seja, que indica ser a adesão a uma prática corporal e/ou esportiva, um motivador para se alcançar um estilo de vida moderno, ativo e saudável. Não são poucas as instâncias sociais em que estes discursos circulam. Para além dos espaços específicos para a prática esportiva e a exercitação física, um grande número de revistas, jornais e programas de televisão veiculam, diariamente, uma série de informações, capturam a atenção de homens e mulheres. Exibem-se imagens espetaculares que, ao atraírem nossos olhares, dão a sensação de que estamos ali, naquele instante vivido.

Não há dúvidas: na atualidade somos constantemente interpelados por corpos em movimento, estejam eles nas quadras esportivas, pistas, piscinas, ginásios, ringues, parques, ruas, academias, praias, entre outros. O tom é recorrente: movimente-se!

Exercite seu corpo, seja lá de que maneira for.

Nesse sentido, o campo das práticas esportivas parece configurar-se como um local bastante produtivo para pensarmos a respeito de mudanças acerca das representações sobre os corpos e suas funcionalidades, quer sejam em relação a participação e adesão às estas práticas, quer seja em relação às representações de gênero dos praticantes. Isto é, da construção de representações de masculinidades e feminilidades.

Pensando especificamente nessa direção, buscamos narrar, neste texto, alguns fragmentos acerca da inserção e da participação de mulheres em duas modalidades esportivas consideradas de predominância masculina: o *skate* e o *rugby*.

¹Professora da rede Municipal de Ensino de Porto Alegre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano/ESEF/UFRGS.

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano/ESEF/UFRGS.

Vale lembrar que, no Brasil, desde meados do século XIX, algumas atividades esportivas já podem ser observadas no cotidiano de algumas cidades como, por exemplo, o turfe, primeiro esporte moderno a se institucionalizar no país. No entanto, a participação feminina era bastante incipiente. Segundo Goellner (2004) foi nas primeiras décadas do século XX que pode-se observar uma maior inserção das mulheres no campo do esporte, tanto na dimensão do lazer quanto da educação escolar e da competição. Ainda assim, não era toda e qualquer atividade esportiva que se recomendava, algumas delas eram, inclusive, observadas como perigosas. Seja porque poderiam “masculinizar” a mulher, seja porque poderia ameaçar as moças de boa família que, ao se inserirem no mundo esportivo, poderiam alçar vôos para longe do olhar atento dos pais. O esporte, então, configurava-se, neste momento, como um território permeado por ambigüidades que

simultaneamente fascinava e desassossegava homens e mulheres, tanto porque contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, através de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre a liberação e o controle de emoções e, também, de representações de masculinidade e feminilidade. (Goellner, 2003 p. 367).

Esse anseio resultou numa série de restrições às mulheres, uma delas, em particular, foi determinante para reforçar o controle sobre seus corpos. Estamos nos referindo ao Decreto-Lei 3.199 de 1941, que proibia, oficialmente, a prática e realização de competições femininas em algumas modalidades esportivas tais como as lutas halterofilismo, futebol, o *rugby*, o pólo, o *water-polo*, entre outros. Baseada na afirmação de que estes esportes eram violentos para a natureza feminina e que sua prática poderia prejudicar o desenvolvimento pleno da mulher, este decreto foi revogado apenas na década de 70.

Revogado o Decreto, em tese, todas as modalidades esportivas são permitidos às mulheres. Entretanto praticá-las, continua sendo uma ação permeada por representações e valores social e culturalmente significadas que tanto podem incentivar quanto afastar as mulheres deste universo. Ou seja, tantos anos de interdições não passaram em branco na história do esporte feminino brasileiro. Vários dos argumentos que legitimavam o Decreto produziram efeitos de verdade e ainda hoje podemos identificá-los em várias situações. O discurso da masculinização da mulher, por exemplo, ainda se faz presente em alguns locais sociais; a diferenciação de acesso, manutenção e premiação em

eventos esportivos entre homens e mulheres ainda é algo que facilmente pode ser observado na realidade brasileira. Ou seja, ainda são desiguais as condições de permanência das mulheres em algumas modalidades esportivas e o futebol feminino é exemplar dessa afirmação: ausência de campeonatos, de patrocínio para as atletas, discriminação e descasos por parte de algumas instituições representativas do esporte, entre outras são questões que merecem ser analisadas com maior atenção.

Pensando ainda na participação das mulheres no campo esportivo, em diferentes épocas e contextos históricos, mecanismos de exclusão e inclusão foram colocados em ação. Segundo Hult,

a participação feminina no esporte sempre foi alvo de muitas controvérsias. Há algumas décadas, as mulheres eram interdidas de participar de qualquer atividade esportiva, sob diversas alegações, desde sua fragilidade física, passando pela sua condição materna, e até mesmo pelo fato da arena esportiva fortalecer o espírito do guerreiro masculino, sendo apontado como o único local no qual a supremacia masculina seria incontestável (apud Knijnik e Vasconcellos, 2003, p. 51).

Assentados nas justificações biológicas, esses argumentos são colocados em suspeição quando se pensa o esporte como um campo não neutro mas, ao contrário, que tanto pode reforçar estes mecanismos, quanto resistir a eles. A historiadora canadense Helen Lenskyj, ao analisar as lutas das mulheres canadenses e norte-americanas para conquistarem espaços no campo dos esportes no início do século XX, chama a atenção para algo importante de ser considerado na rede de significações que giram em torno da participação e permanência das mulheres no esporte.

A habilidade esportiva dificilmente se compatibilizava com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina (apud ADELMAN, 2003, p. 448).

Neste texto, mais do que fazer uma análise histórica sobre a inserção das mulheres no esporte, interessa pensar que, no Brasil, o *skate* e o *rugby* são duas modalidades esportivas em que a participação feminina é pouco visibilizada. Isso não

significa afirmar que as mulheres estejam à margem destas práticas. Ao contrário, há algum tempo delas fazem parte, em maior ou menor grau.

Considerando o contexto diferenciado, no Brasil, para homens e mulheres no que tange a participação e permanência no campo esportivo, identificamos ser o *skate* e o *rugby* femininos modalidades ainda em construção.

O *Skate*:³

Considerado como uma prática esportiva vinculada ao que se denomina de esportes radicais, o *skate*, pode ser observado em diferentes cenários urbanos: praças, ruas e pistas, Segundo o “Atlas do Esporte no Brasil”, assim se caracteriza porque sua prática é marcada pela perspectiva do desafio: vencer obstáculos, enfrentar fenômenos naturais e físicos, experimentar a sensação do perigo (Da Costa et all, 2005) o que, de certa forma, tem possibilitado uma reorganização do sistema esportivo tradicional promovendo uma renovação simbólica do imaginário esportivo até então existente.

Segundo Vera Menezes Costa, mais do que alterações nas características físicas ou técnicas das práticas esportivas esta denominação relaciona-se aos modos através dos quais se percebe estas práticas.

Vistos como práticas criadas na ruptura com as práticas convencionais, os esportes de aventura, de risco, da natureza ou radicais remanejam os elementos existentes nos esportes anteriores, dando-lhes novas configurações (COSTA apud BITENCOURT et all, 2005, p. 411).

Vários são os autores e autoras que identificam a origem do *skate* como uma variação e também como uma alternativa à prática do *surf*, em especial em espaços onde não havia a possibilidade de “pegar onda”. (Bitencourt et all, 2005; Hamm, 2004; Uvinha, 2001; Britto, 2000). Essa identificação provavelmente é assumida porque o início dessa prática corporal é atribuída à criatividade dos surfistas da Califórnia, nos Estados Unidos, quando, no início da década de 60, propuseram a realização de manobras semelhantes às realizadas nas pranchas de *surf* em outro equipamento. Ao se instalarem rodilhas de patins em um pedaço de madeira com a mesma forma de uma prancha de *surf*, porém, em tamanho e proporções menores, criou-se o objeto *skate*.

³ Este texto se origina da minha tese de doutorado em desenvolvimento, sob orientação da professora Silvana Vilodre Goellner.

Inicialmente foi considerado como uma das práticas de lazer vinculadas aos jovens que experienciavam formas de viver a liberdade, o prazer dos corpos em movimento e a ocupação do tempo livre. Desde então, a denominação *skate* assumiu um sentido polissêmico: refere-se tanto ao equipamento com o qual se realiza a prática quanto ao nome que designa esta prática, seja esta por lazer ou como um esporte de competição.

Nomeado de *sidewalk surf*, ou *surf* de rua, nesse momento “sufar” no asfalto era uma brincadeira de adolescentes e jovens, entendida também, como experiência de liberdade e expressão pois ao vivenciá-la criavam diferentes e inusitadas manobras, constituindo uma prática diferente daquela vivenciada no mar. Dessa diferenciação resultou uma nova denominação para essa atividade que passou, então, a ser chamada de *skateboard* (Bitencourt et al, 2005).

No Brasil, é em meados da década de 60 que o *skate* surgiu no cenário das práticas esportivas. Sua aparição está associada também ao *surf* pois, nesse período, alguns atletas desse esporte aderiram a essa prática corporal quando estiveram na Califórnia.⁵⁰ Além disso, algumas informações acerca de sua prática eram veiculadas em publicações especializadas em *surf* que divulgavam campeonatos, eventos e atletas, bem como as últimas novidades esportivas adotadas por jovens americanos e de outros países. Enfim, foi a partir do *surf* que os brasileiros se aproximaram do universo do *skate* (Bitencourt et al, 2005; Uvinha, 2001; Britto, 2000; Bastos, 2005).

Durante algum tempo a prática do *skate* revestiu-se de um caráter estritamente amador. Andava-se nas ruas, nas calçadas, nos estacionamento e nas quadras esportivas sem que houvesse a institucionalização dessa prática corporal sendo reconhecida, portanto, como atividade de lazer. A partir da década de 70 do século XX, se deu o início de um movimento que agregou os praticantes de *skate* em torno da promoção dos primeiros campeonatos. Nesse momento, começavam a ganhar visibilidade as equipes que foram se formando com o patrocínio dos fabricantes de materiais de *surf*, que passaram a investir na industrialização de peças do objeto *skate*: as rodas, os eixos e as tábuas. Podemos afirmar, assim, que nesse momento está em curso a esportivização do *skate* no Brasil.⁵¹

⁵⁰ É importante registrar que o *surf* é praticado no Brasil desde a década de 30. Foram pioneiros Thomas Rittscher, americano naturalizado brasileiro e Osmar Gonçalves, paulista. (Bitencourt et al, 2005).

⁵¹ A esportivização é identificada aqui como o processo através do qual “diversas atividades já existentes no âmbito da chamada cultura corporal, as quais nos dias atuais tenta-se atribuir o *status*

Tal movimento começou a conquistar um maior número de adeptos ao mesmo tempo em que sinalizava para um futuro promissor em termos de ampliação do número de praticantes e também do surgimento de espaços onde fosse possível realizar essa prática. A partir dessa demanda tornou-se necessário criar áreas específicas para a prática e para a competição deste novo esporte, a exemplo de outros países onde houve a proliferação dos *skateparks* - locais com pistas para andar de *skate*. Assim, em 1976 foi inaugurada a primeira pista da América Latina, em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, local onde foi realizado, em julho de 1977, o primeiro campeonato de *skate* brasileiro. A partir de então, novos espaços destinados à prática do *skate* começam a alterar a arquitetura das cidades. Nos anos 70 foram construídas as pistas *Wavepark e Franet* em São Paulo e a pista de Campo Grande no estado do Rio de Janeiro (Chaves, 2005). No Rio Grande do Sul foi construída em 1978 a pista *Swell* na cidade de Viamão e, em 1979, a Pista do Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre. No entanto, foi no final dos anos 80 e início dos anos 90 que o esporte expandiu-se através da “construção de pistas por todo o Estado, salto no número de praticantes, difusão do estilo dos skatistas (modos de vestir, falar), criação da Federação Gaúcha de Skate, e inclusive a conquista de um título nacional por um riograndense” (GRAEFF e PETERSEN-WAGNER, 2005, p. 62).

Compreender o universo cultural do *skate* é entender que a produção desse estilo está articulada em uma rede de representações que produzem significados em relação ao que entendemos por essa prática, bem como acerca de quem é ou não autorizado a praticá-la. Nesse sentido, direcionar a atenção para as mulheres *skatistas* significa buscar no silêncio da oficialidade das fontes a sua voz, pois pouca visibilidade se confere às mulheres nesta prática esportiva. O que não significa afirmar que, desde sua origem, elas lá não estivessem presentes.

No âmbito da juventude californiana dos anos 60 poucas são as referências que se faz às *skatistas* mulheres. Geralmente tomadas no coletivo, a individualização das atletas conforma o que delas se diz. No livro “Scarred for life: eleven stories about skateboarders”, de Keith David Hamm, a história desse esporte nos Estados Unidos é narrada a partir da trajetória de onze *skatistas* que o autor considera como “os melhores”. Não há referência explícita às mulheres que, desde os primórdios do esporte,

de esporte, à medida que passam a ser praticadas de forma organizada, ou seja, com regras padronizadas, com regulamentos rígidos, vinculados às federações etc.” (STIGGER, 2002, p.14).

realizaram experiências sobre o *skate*. No capítulo que aborda os anos 90, algumas *skatistas* são chamadas à cena e um destaque é conferido a Jessica Starkweather⁵². Ao fazer uma espécie de biografia dessa atleta, o autor faz algumas referências isoladas, dá voz a algumas mulheres através das publicações de frases soltas que não estão incorporadas aos textos, publica fotografias mas não contextualiza suas trajetórias como o fez com os destaques masculinos. Duas questões merecem maior atenção quando se pensa na temática mulher e esporte: a foto de Wendi Bearber⁵³ andando de *skate* com irmão, em 1965 na Califórnia e a pequena fala de Peggy Oki⁵⁴, a única mulher que participou do lendário grupo “Z-Boys”⁵⁵ que, nos anos 70 revolucionou o *skate* mundial. Ambas referências aparecem soltas no livro mas atestam que, desde os primórdios do *skate*, elas estavam lá, “surfando sobre rodas” no asfalto californiano, ainda que seus nomes figurem sob o masculino genérico das equipes intituladas “Hobie Guys” e “Z-Boys”.

É certo que o *skate*, ao longo de sua história, tem sido marcado por uma grande presença de participantes homens. Mais do que afirmar se a dominância é masculina ou não, julgamos ser importante refletir sobre as condições de possibilidade que promoveram essa diferenciação entre mulheres e homens no acesso e permanência nesse esporte. Nesse sentido, consideramos importantes as reflexões de Becky Beal (2001) quando, em suas análises sobre o *skate* feminino nos Estados Unidos, menciona que vários fatores têm historicamente desfavorecido a participação de garotas e mulheres neste esporte. O principal deles relaciona-se às representações tradicionais de gênero que justificam essa diferenciação por acreditarem que modalidades esportivas podem promover o que denominam de “masculinização da mulher”. Em outras palavras, que as garotas, ao aderirem a práticas consideradas impróprias para sua “natureza”, poderiam perder alguns dos atributos que lhe conformam, dentre eles, sua feminilidade. Segundo essa autora, muitos *skatistas* homens se utilizam dessas

⁵² *Skatista* norte-americana considerada como uma das melhores desde o início do século XXI.

⁵³ Wendi participava do grupo “Hobie Guys” composto por George Trafton, Torger Johnson, Danny Bearer (seu irmão) e Collen Boyd (Hamm, 2004, p. 21).

⁵⁴ “O *skate* realmente deu certo para mim. Nunca pensei nele (como profissão) para pagar o aluguel. Eu apenas encontrei um lugar onde me encaixava, com pessoas com as quais eu queria me relacionar e eu realmente estava me tornando boa, sendo patrocinada e respeitada. Eu não queria perder essas coisas boas que encontrei” (tradução livre) (Hamm, 2004, p. 159).

⁵⁵ Os Z-Boys (conhecidos assim por formarem um time de *skate* e *surf*, chamado Zephyr Team) revolucionaram o *skate* nos anos 70 pela ousadia das manobras e pela exploração de novos espaços para “surfear no asfalto”, como por exemplo, em piscinas. O grupo era formado por Tony Alva, Bob Biniak, Chris Cahill, Paul Constantineau, Shogo Kubo, Jim Muir, Nathan Pratt, Wenzel Ruml, Allen Sardo, Peralta, Jay Adam e Peggy Oki (Hamm, 2004, p. 78). Sobre esse grupo há um famoso documentário intitulado *Dogtown and the Z-Boys* dirigido por Steve Peralta (2000).

representações para garantir o *status* de que esse é um esporte masculino. Para tecer essa afirmação cita alguns argumentos presentes na fala de jovens *skatistas* homens. Um deles é que o *skate* pode provocar machucaduras e ferimentos no corpo e que isso não ficaria bem para as garotas; outro é que, para as garotas, não é natural gostarem de esportes de risco. Para além desses fatores identifica que a indústria do *skate* pouca oportunidade oferece às mulheres, em geral porque seus proprietários são antigos atletas e estes acabam patrocinando apenas homens e dificilmente reconhecem as mulheres como grandes *skatistas*. Razão pela qual, afirma Beal, as *skatistas* ao perceberem que os homens não as tomam com seriedade, para serem aceitas nesse universo, precisam provar que são melhores que muitos deles.

Análises como estas permitem afirmar que o *skate*, como qualquer outra prática corporal e esportiva, é atravessado pelas relações de gênero e, nesse sentido, promove espaços, vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres.

No Brasil a visibilidade das *skatistas* é algo em construção. As revistas, os livros, as matérias jornalísticas, os programas esportivos, poucas referências fazem às mulheres que, não raras vezes, figuram, como já mencionamos anteriormente, dissolvidas no coletivo: as garotas.

No livro “Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil” editado por Eduardo Britto, há muitos silêncios sobre a inserção e a participação das *skatistas* ao longo das três décadas analisadas (início dos anos 70 a 2000). Ao longo de suas 105 páginas constatamos apenas uma referência às mulheres quando mencionado que, em 1995 foi realizado na ZN *Skatepark*, em São Paulo, o 1º Campeonato feminino da década, vencido por Giuliana Ricomini (2001, p. 62). O livro publica mais de setenta fotos com atletas fazendo manobras radicais: nenhuma delas é de uma mulher.

Já nas publicações organizadas por *skatistas* mulheres, outras são as referências.

Em um *zine*, intitulado “Check it out girls 6”⁵⁶, publicado em 1999, Lisa Araújo escreve um texto denominado “Evolução”, onde refere-se às *skatistas* brasileiras que nos anos 80 já faziam suas manobras em espaços públicos e em campeonatos. Vejamos:

Em 1970 já existia skate feminino nos EUA, então lá é muito natural o respeito e o alto nível das skate girls. No Brasil em 1980 o skate feminino era representado por Leni Cobra, Mirinha, Mônica Polistchuck e outras, correndo campeonatos

⁵⁶ Esse *zine* originou a Revista Check It Out, publicada nos Estados Unidos e que mantém *skatistas* brasileiras como editoras.

com os garotos. Infelizmente, as garotas da antiga não estão mais na ativa, pois se estivessem, estariam detonando como as gringas. Elas devem ter desanimado pela falta de apoio e incentivo da época e mudaram suas vidas. No entanto, só em 95 que a categoria voltou com tudo, representada pelas rankiadas de hoje, que não se deixaram abater (1999, p. 1).

Na busca por fontes que pudessem visibilizar a participação feminina no *skate* brasileiro, encontramos um importante veículo de informação e de formação de jovens *skatistas*: o site *Skate para Meninas*⁵⁷. Elaborado, em 2002, por uma *skatista* paulistana motivada pela falta de informação sobre o *skate* feminino e pela vontade de divulgar o esporte, seu objetivo primeiro é potencializar a ação das meninas e mulheres neste esporte. Razão pela qual, desde o seu início, o *Skate para Meninas*, privilegia informações relacionadas à divulgação dos campeonatos, das atletas participantes e de eventos relacionados ao universo feminino. Além disso, apresenta vários *links* que possibilitam a circulação de várias informações não apenas restritas ao universo do *skate* mas, inclusive, textos e falas que abordam temas como, por exemplo, feminismo, beleza, sexismo, etc. Podemos afirmar que através desse site, mantido também, por diversas colaboradoras (em geral *skatistas*) as mulheres exercem um certo protagonismo nesta modalidade visto que entendem que espaços como estes são fundamentais para uma política de inclusão e afirmação neste universo.

Duas outras ações promovidas por *skatistas* mulheres merecem ser aqui relatadas pois refletem o quanto a história do *skate* feminino brasileiro tem sido construída pelas mulheres, à despeito do pouco incentivo que lhes têm sido conferido desde os anos 70.

No dia 13 de março de 2004 foi organizado o “1º Encontro Unidas Pelo Carrinho”⁵⁸ em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, celebrado dia 8 de março. Aconteceu na pista Eclipse Skate Park, localizado no Parque São Rafael em São Paulo e se caracterizou como o primeiro encontro presencial entre *skatistas* cuja presença ultrapassou o número de 40. Segundo Evelyn Leine, o encontro só aconteceu

⁵⁷ O endereço do site é <http://www.skateparameninas.com.br/>

⁵⁸ O “1º Encontro Unidas pelo Carrinho” foi matéria na “Tribo Skate”, na seção *Lilith*, que divulgou o evento tanto no site e como na revista impressa (Edição nº103); nos sites “Revista 100%Skate”, *Skate Para Meninas*, “Garotas no Comando” e “Skoito.net”. Foi matéria do programa “Zona de Impacto”, da SporTV da Rede Globo.

por que o desejo das organizadoras era “juntar um monte de meninas para andar de *skate*” diz (entrevista em 22/04/2006).

Outra ação que buscou afirmar a visibilidade das *skatistas* foi a fundação, em São Paulo, da Associação Brasileira de Skate Feminino, em agosto de 2002. Criada por um grupo de *skatistas*, suas pretensões incluíam desde agregar, através de campeonatos próprios, mais *skatistas* ao esporte, até criar estratégias para ter mais condições de estimular e defender interesses da categoria em especial no que respeita a criação de campeonatos, busca por patrocínios e igualdade de premiações.

Estas poucas informações acerca da participação das mulheres no universo do *skate* são instigantes para se pensar nas representações que cercam aquelas que se aventuram a praticá-lo. Por esse motivo, a mobilização das garotas na busca por se tornarem “visíveis” pode ser observada como uma ação afirmativa que busca garantir o reconhecimento de que este esporte também pode ser delas e para elas.

O Rugby⁵⁹

O *rugby* é um esporte que, historicamente, possui fortes vínculos com o universo masculino. Fundamentado nas escolas inglesas de prevalente participação de garotos, o *rugby* caracterizava-se por exibir confrontos de luta simbólica, justificados como campo de treino para a guerra, pelo seu aproveitamento na educação dos futuros chefes militares e administrativos (Ellias e Dunning; 1992). Estes mesmos autores destacam que a institucionalização do *rugby*, iniciada através da formação de clubes, propiciou a emergência de uma área masculina reservada, onde os cultos às expressões de virilidade eram amplamente reforçados.

Pensar na trajetória das mulheres no *rugby*, é percorrer um caminho onde as narrativas oficiais, assim como em outros tantos esportes, praticamente as invisibilizaram. Anne Saoutier (2003), ao analisar a relação dos homens com as mulheres no *rugby* francês destaca que a literatura e imprensa têm, historicamente difundido, de forma bastante aparente, a tradição machista deste esporte indicando, então, que pouco se diz sobre as mulheres. Outra autora, Martin (2001) ao tentar analisar as origens do *rugby* feminino na Inglaterra, menciona a grande dificuldade de se encontrar dados objetivos que tratem do surgimento e do desenvolvimento deste

⁵⁹ Este texto se origina da dissertação de mestrado em desenvolvimento de Thais Rodrigues de Almeida, sob orientação da professora Silvana Vilodre Goellner

esporte que, naquela sociedade se configurou como um dos primeiros esportes modernos institucionalizados.

A partir destes apontamentos, acreditamos ser praticamente impossível falar de uma “história das mulheres no *rugby*”, mas sim, da possibilidade de garimpar fontes que venham possibilitar uma maior visualização da inserção de determinadas mulheres nesta prática, inclusive no contexto brasileiro. É notória a ausência de referência às mulheres em diferentes espaços que registram histórias esportivas tais como federações, museus, jornais e periódicos científicos. Esta ausência nos levou a tentar olhar para um local onde foi possível identificar, *in loco*, mulheres praticantes de *rugby*, qual seja o *Charrua Rugby Clube*.

Criado em 01 de junho de 2001, por um grupo de amigos, dos quais dois deles já haviam praticado o *rugby* em São Paulo nas equipes do *Rio Branco Rugby Clube* e na *Universidade Paulista* (UNIP), o clube conta com categorias juvenil e adulta, masculina e feminina. Possui, portanto, uma história relativamente recente, com cerca de cinco anos e existência e, desde então, vem promovendo iniciativas para o desenvolvimento deste esporte no Rio Grande do Sul tais como o incentivo à formação de novos clubes, a criação da Federação Gaúcha de Rugby e, em 2006, a organização do 1º Campeonato Gaúcho de Rugby.

Formado inicialmente por um grupo de amigos, o *Charrua Rugby Clube* não possui uma sede específica, suas equipes reúnem-se para os treinos aos sábados nas dependências da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fora deste espaço todos os contatos com o grupo são realizados na sua “sede virtual”⁶⁰. Essa não existência de um local onde fosse possível ver, concretamente, documentos, registros, fontes primárias sobre a história do clube e, mesmo desta modalidade esportiva no Rio Grande do Sul, nos remeteu à tentativa de captura de informações através de uma inserção, de cunho etnográfico, no local de encontro do Clube. Ali foram realizadas diversas observações bem como algumas entrevistas com atletas mulheres que formam a equipe adulta além do acompanhamento da rotina de treinos e competições destas mulheres.

Apesar de estarmos há quase um ano em contato com o grupo ainda não foram encontradas informações significativas que atestem quando o *rugby* passou a ser jogado pelas mulheres no Brasil. As fontes primárias encontradas junto aos órgãos oficiais do

⁶⁰ O site oficial do *Charrua Rugby Clube* pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: www.charruarugby.com.

esporte, tais como a Associação Brasileira de Rugby, referem-se ao início da prática masculina, que se deu no final do século XIX, seu desenvolvimento nos anos de 1960 a 1970, quando foi vinculado à criação de equipes universitárias. Sobre a prática feminina, as informações fazem referência apenas ao contexto atual das mulheres no *rugby* brasileiro, com centralidade em dados sobre as competições femininas que começaram a ser realizadas por volta de 1996 e 1997 entre equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo, todas elas fazendo parte de Clubes que já possuíam equipes masculinas.

A história da categoria feminina do *Charrua Rugby Clube*, já é mais recente, com sua formação em 2003, constituída em sua maioria por mulheres que possuíam algum vínculo com os jogadores do time masculino (parentes, namoradas, amigas) sendo que sua participação como praticante se deu, de certa forma, iniciada pela participação como espectadora.

Segundo relatos das atletas do *Charrua Rugby Clube*, a maioria dos times femininos existentes no Brasil localizam-se nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo que na região Sul, existem equipes femininas com mais de oito anos de formação, como por exemplo as equipes “Desterro” e da “Universidade Federal de Santa Catarina”, ambas de Santa Catarina. A existência destas equipes, de certa forma, possibilitou a criação da categoria feminina do *Charrua Rugby Clube* que atualmente conta vinte e cinco jogadoras. Estas atletas participam de competições tais como a Liga Sul-Brasileira de Rugby, onde sagraram-se campeãs em duas etapas tendo conquistado o Vice-Campeonato geral no ano de 2006. Já se fizeram presentes também em torneios internacionais (em especial com equipes do Uruguai e da Argentina) tendo, na atualidade, três jogadoras fazendo parte da seleção Brasileira de Rugby.

Uma das características marcantes do desenvolvimento do *rugby* feminino no Brasil segundo as atletas do *Charrua Rugby Clube*, é o fato de as equipes jogarem com um número inferior de participantes (sete para cada equipe), se comparadas aos jogos masculinos (cerca de quinze para cada equipe) o que, de certo modo reflete a dificuldade em se manter um número significativo de mulheres praticantes. Alguns são os motivos que podem ser apontados para essa pouca participação: a) A falta de incentivo, especialmente financeiro, já que o esporte mantém-se amador e os praticantes arcam com todos os custos da sua prática, inclusive, gastos com viagens para as competições; b) A falta de reconhecimento pelos órgãos responsáveis pela estruturação do esporte no Brasil. As mulheres praticantes de *rugby* só obtiveram alguma visibilidade junto à Associação Brasileira de Rugby quando se consagraram Bicampeãs

Sul-Americanas respectivamente em 2004 e 2005; c) A pouca divulgação do esporte (se as referências às equipes masculinas brasileiras não são muitas, indicam um quase total desconhecimento das ações, competições e organização das equipes femininas) e d) Fatores sociais e culturais onde persiste a idéia de que se trata de um esporte violento pois apresenta imagem agressiva, que muitas vezes impressiona os espectadores que acabam por relacioná-lo a uma prática masculina.

Essa representação do *rugby* pode ser identificada em uma matéria divulgada no site *Rugby News*⁶¹ cujo conteúdo aborda a situação das mulheres praticantes de *rugby* no Brasil. A reportagem já inicia dando destaque as características do esporte ressaltando que o mesmo se dá entre trombadas, empurrões e jogadas de forte contato físico, em seguida, refere que no imaginário popular este não poderia ser praticado por mulheres. A partir desta afirmação, apresenta o crescimento do *rugby* feminino no Brasil e os resultados surpreendentes da nossa seleção tem conquistado. Segundo o Presidente da Associação Brasileira de Rugby, Roberto Magalhães “estas meninas estão plantando uma semente para quebrar esta imagem que o *rugby* tem de violento. Temos um potencial de crescimento enorme e com o nosso jeitinho brasileiro, que vamos implantar, temos tudo para fazer a diferença no futuro” (2005, s.p)

Enfim, os pequenos fragmentos que trazemos a este texto sobre a participação feminina no *rugby* brasileiro indicam que, apesar das dificuldades apontadas por algumas praticantes, é possível afirmar que os resultados obtidos pelas equipes têm chamado alguma atenção de alguns órgãos oficiais que regem este esporte. O que não significa afirmar que conquistaram um espaço definitivo ou, ainda, que não precisam buscar incentivos e reconhecimento. Ao contrário, esta mínima visibilidade carece de maior ampliação pois, assim como os homens, o *rugby* é uma prática esportiva que possibilita o exercício de liberdade e sociabilidade.

Silêncios, ausências, descontinuidades, poucas referências, informações esparsas não são meras palavras que trazemos para finalizar esse texto. Ao contrário, são expressões que utilizamos para politizar a discussão acerca da presença das mulheres no campo esportivo pois, tanto quanto o *skate* e o *rugby* em várias outras práticas corporais as memórias femininas pouco têm sido evidenciadas. E, portanto, poucas histórias delas se contam mesmo que há tempos protagonizem inúmeras situações em que estão em plena movimentação.

⁶¹ www.rugbynews.com.br - acesso em 25/08/05.

Referências

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, volume12, pp 445-465, 2003.

BEAL, B. Skateboarding. In: CHRISTENSEN, Karen et all. *International Encyclopedia of women and sports*. Volume 3. New York: Macmillan References USA, 2001.

BITENCOURT, V. et all. Esportes radicais e de aventura. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

BRITTO, E. (Ed.) *A Onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Gráfica Círculo, 2000.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GOELLNER, S.V. Mulher e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, Carlos. KNIJNIK, Jorge (Orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004.

GRAEFF, B. B. e PETERSEN-WAGNER, R.. Skate no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Z. e REPPOLD FILHO, Alberto (Org.). *Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005. Disponível em: <<http://www.cref2rs.org.br/atlas/cd/index.htm>> Acesso em 13 de janeiro de 2006.

HAMM, K. D. *Scarred for life: eleven stories about skateboarders*. San Francisco: Chronicle books, 2004.

KNIJNIK, J. D. e VASCONCELLOS, E. G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil In: COZAC, João Ricardo (ed.). *Com a cabeça na ponta da chuteira - ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo, Annablume/Ceppe, 2003.

DA COSTA, L. (Org). *Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

SAOUTIER, A. A Mamãe e a prostituta: Os homens as mulheres e o Rugby. *Movimento: Revista da Escola de Educação Física*, Porto Alegre, v. 02, n. 09, p.36-52, maio 2003.

STIGGER, M. P. *Educação Física, Esporte e Diversidade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

MARTÍN, M. Los orígenes del rugby femenino en Inglaterra. *APUNTS: Educación Física y Deportes*. Barcelona, n.66, 2001.

UVINHA, R. R. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo:Editora Manole, 2001.